



## **Cinema e Holocausto: apontamentos sobre as relações entre mídia e memória <sup>1</sup>**

Carolina Boufleuer Florêncio<sup>2</sup>

Dafne Reis Pedroso da Silva<sup>3</sup>

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

### **Resumo**

A proposta deste trabalho é iniciar uma reflexão sobre as relações entre mídia, memória, e as representações da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. Para tal, foram desenvolvidas pesquisa de contextualização histórica e pesquisa teórica, e foram analisados cinco filmes de diferentes anos de lançamento e nacionalidades, os quais retratam o tema pesquisado. Os filmes foram analisados considerando-se dados sobre contextos de produção, temáticas e elementos narrativos.

**Palavras-chave:** cinema; holocausto; memória.

### **Introdução**

O presente artigo é resultado de pesquisa exploratória realizada durante a disciplina de Sociologia da Comunicação, no quarto semestre da graduação em Publicidade e Propaganda da Universidade Comunitária da região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). Falar sobre a Segunda Guerra Mundial e Holocausto provoca diferentes reações na humanidade. Da repulsa ao fascínio, os indivíduos experimentam a comoção, o sofrimento e o horror, e muitas dessas emoções são reforçadas pelos produtos midiáticos, incluindo o cinema. A proposta deste estudo é iniciar uma discussão sobre as produções cinematográficas que abordam a temática da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente sobre o Holocausto, e as relações entre mídia e memória. A partir dos filmes: Noite e Neblina (Alain Resnais, 1955), A Lista de Schindler (Steven Spielberg, 1993), A Queda – As Últimas Horas de Hitler (Oliver Hirschbiegel, 2004), Bastardos Inglórios (Quentin Tarantino, 2009) e Difamação (Yoav Shamir, 2009); observamos empiricamente tais reflexões.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. E-mail: carolina.bflorencio@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. E-mail: dafnepedroso@gmail.com



No processo de realização de um filme, o contexto de produção, em que se incluem também as propostas conceituais e as escolhas estéticas, os diferentes olhares influenciam na construção e representação dos fatos históricos. Nesse sentido, analisar os modos de registro sobre o Holocausto pode nos mostrar recorrências, repetições, estereótipos, modelos, exceções, em relação às perspectivas de representação de tal temática.

Durante a Segunda Guerra Mundial, cada país desempenhou um papel e teve uma determinada postura em relação aos fatos ocorridos. Essa participação de diferentes formas durante este fato histórico mudaria a percepção dos cineastas no momento de retratar esse evento? O retratar dos povos é condicionado ao posicionamento que o país de origem do filme teve durante a guerra?

Uma das primeiras produções lançadas após o término da Segunda Guerra Mundial foi o documentário francês *Noite e Neblina*<sup>4</sup>, do ano de 1955 e um dos filmes contemporâneos que abordam essa temática é o longa metragem *Bastardos Inglórios*<sup>5</sup>, do ano de 2009. Essas produções são visivelmente diferentes, tanto do ponto de vista do gênero cinematográfico, opções estéticas, roteiro, narrativa e representação. Será que o tempo que a humanidade teve para “digerir” todos os acontecidos durante o Holocausto, e o processamento dessas informações alterou a ótica de representação desse fato histórico?

O Holocausto, por ser um tema muito explorado pelos produtos midiáticos, está presente na nossa realidade. Se não somos da geração que viveu durante o período de conflito, somos das gerações subsequentes, que nasceram após 1945, e que de alguma forma sofreram e ainda sofrem as consequências e influências dos fatos. As percepções das pessoas que assistem a determinado filme afetam a memória individual em relação a esse fato e também influenciam na geração da memória coletiva?

Essas são algumas das questões que foram surgindo a partir do momento em que nos debruçamos sobre tal assunto. Neste trabalho, buscamos abordar as seguintes perguntas que poderão compor um futuro problema de pesquisa, em uma investigação mais ampla:

De que forma essas produções cinematográficas colaboram na construção de uma memória coletiva?

---

<sup>4</sup> Filme francês, do ano de 1955. Dirigido por Alain Resnais.

<sup>5</sup> Coprodução americana e alemã, do ano de 2009. Dirigida por Quentin Tarantino.



Quais são as principais semelhanças encontradas entre os filmes que abordam o Holocausto?

Como os povos, judeu e alemão, são retratados nos filmes?

Quais são diferenças nas narrativas entre os filmes que foram lançados logo após o Holocausto e os filmes lançados recentemente?

### **Segunda Guerra Mundial, Nazismo e Holocausto**

Para discutirmos as formas de registro do Holocausto no cinema, é necessária uma breve revisão sobre: Segunda Guerra Mundial, Nazismo e Holocausto. A Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar que aconteceu entre 1939 e 1945 e envolveu a maioria das nações do globo. Foi a mais abrangente guerra da história. Todos os envolvidos, durante o período de guerra, dedicaram-se a ela totalmente, financeiramente, industrialmente e cientificamente (COGGIOLA, 1995).

Qualquer que seja a interpretação que se privilegie, o certo é que não podemos fazer uma leitura da Segunda Guerra Mundial ignorando que a estamos fazendo com a vantagem do *ex post facto*. Ao fazermos essa consideração, possibilita-se uma melhor aproximação à compreensão dos grandes dilemas que afetaram a humanidade nos anos 30 e na primeira metade dos anos 40 (COGGIOLA, 1995, p. 21)

A Ideologia do Partido Nazista da Alemanha, formulada por Adolf Hitler, durante os anos de 1933 e 1945 regeu a nação Alemã. Entre seus principais elementos ideológicos estão o racismo, a eugenia, o totalitarismo e o antissemitismo. (COGGIOLA, 1995). Compreendemos ideologia conforme Chauí:

Ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das ideias). (CHAUÍ, 1992, p. 94).

O Holocausto, visto como o genocídio do povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial, foi um processo sistemático liderado por Hitler e pelo partido nazista. Durante o período de conflito em toda a Alemanha eram construídas instalações para concentrar, manter, explorar e matar judeus e outras vítimas. (COGGIOLA, 1995).

Poucos laços causais parecem mais transparentes que os que ligam o anti-semitismo com ao Holocausto. Os judeus da Europa foram assassinados porque os alemães que os mataram e os que ajudaram a nível local odiavam os judeus. O Holocausto foi o clímax espetacular de uma história de séculos de ressentimento religioso, econômico, cultural e nacional. (BAUMAN, 1998, p. 51).



A Alemanha sofre ainda hoje as consequências que o nazismo deixou ao povo, uma forma inconsciente de culpa pelo que aconteceu durante o período da Segunda Guerra Mundial, principalmente em relação ao Holocausto e as barbáries cometidas pelo partido nazista. Mas só podemos analisar como barbáries agora, pois na época em que elas ocorreram, o ufanismo cegava boa parte das pessoas envolvidas, o que dificultava a visão dos direitos humanos e até mesmo da situação como um todo.

### **Mídia e memória**

O cinema aborda a temática Segunda Guerra Mundial e Holocausto em uma grande quantidade de filmes. Muitas pessoas, desde a queda do Terceiro Reich, usam como base as informações fornecidas pelos produtos midiáticos para adquirirem conhecimentos. E a partir desse consumo, pensar.

Segundo Canclini (2006), as pessoas consomem para fazerem parte, para sentirem-se incluídas em determinada realidade. Além da análise do cinema como arte, o filme é analisado como um documento. Tem o poder de nos fazer refletir sobre a relação do presente com o passado. As gerações mais novas, que não viveram durante o Holocausto, através do cinema, se relacionam com esse passado e formam opinião.

Os filmes podem ser utilizados pelos produtores como propostas de reconstruções e por receptores como referências históricas. E essas reconstruções são capazes de modificar a concepção que temos de determinada situação. Muitas vezes concepções que já partiam de outros meios midiáticos, e que passam a ser alteradas também pelo cinema.

Para Coutinho (2008), os indivíduos “lembram-se” dos fatos a partir de pontos de vista coletivos pré-estabelecidos. As percepções e formas de representação dessa mesma memória coletiva podem ser muito diferentes. Lembranças, que pertencem aos indivíduos e parecem ser íntimas e pessoais, originam-se na sociedade. São lembradas pelo grande grupo a partir dos pontos de vista de determinados grupos sociais.

E durante a produção de filmes com alguma temática ainda muito presente na sociedade, essas memórias são convertidas e simplificadas, o que facilita o consumo global e o conhecimento de determinados fatos.

Ele (Kracauer) reconhecia que os cineastas devem, e precisam, mostrar suas próprias visões da realidade. Defendia um realismo humano, um realismo não de fato, mas de intenção. A mesma cena pode ser elogiada num filme com objetivos realistas e condenada num filme de “arte” formativo. (ANDREW, 2002, p. 120).



Não conseguimos dissociar a memória coletiva da história, com seus fatos e comprovações. E cada vez se multiplicam produções audiovisuais abordando o tema do Holocausto, e essa associação de memória e história pode acabar padronizando a abordagem de grande parte dos filmes.

“Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais”. (HUYSSSEN, 2000, p. 10). O autor nos lembra que, em oposição a um fenômeno de privilegiar o futuro que marcou as primeiras décadas do século XX, a partir da década de 1980, o movimento parece ser de um retorno ao passado e são discursos de memória que vêm junto com os processos de descolonização e de procura por histórias alternativas.

Este fenômeno da cultura da memória é proporcionado, principalmente, pela mídia, culpada muitas vezes pelos processos de esquecimento e de falta de consciência histórica, “A acusação de amnésia é feita invariavelmente através de uma crítica à mídia, a despeito do fato de que é precisamente esta [...] que faz a memória ficar cada vez mais disponível para nós a cada dia” (HUYSSSEN, 2000, p. 18).

São muitos os exemplos de séries, filmes, novelas, que retratam elementos do passado e afetam a nossa compreensão. E se, por vezes, não há um rigor nos registros, nas histórias e nos vestígios criados pelas produções midiáticas:

[...] é possível encarar a contribuição de tais obras em termos não apenas dos detalhes específicos por elas apresentados, mas, sim, no sentido abrangente do passado que elas transmitem as ricas imagens e metáforas visuais que elas nos fornecem para que pensemos historicamente. Também é possível encarar o filme histórico como parte de um campo separado de representação e discurso cujo objetivo não é fornecer verdades literais acerca do passado (como se nossa história escrita pudesse fazê-lo), mas verdades metafóricas que funcionam, em grande medida, como uma espécie de comentário, e desafio, em relação ao discurso histórico tradicional (ROSENSTONE, 2010, p. 23-24).

### **Estratégias Metodológicas**

Para este estudo exploratório, foram selecionados cinco filmes, que abordam a temática da Segunda Guerra Mundial, mas que representam esse mesmo fato histórico de formas contrastantes. Os critérios de seleção foram baseados na diversidade de: gênero cinematográfico (ficção e documentário), ano de produção, nacionalidade e enfoques.



Tabela 1: Filmes escolhidos para serem analisados.

<b>Título Original</b>	<b>Título no Brasil</b>	<b>Ano</b>	<b>Origem</b>	<b>Direção</b>	<b>Duração</b>
<i>Nuit et Brouillard</i>	Noite e Neblina	1955	França	Alain Resnais	32 min
<i>Schindler's List</i>	A Lista de Schindler	1993	EUA	Steven Spielberg	195,5 min
<i>Der Untergang</i>	A Queda - As Últimas Horas de Hitler	2004	Alemanha	Oliver Hirschbiegel	178 min
<i>Inglourious Basterds</i>	Bastardos Inglórios	2009	EUA/ Alemanha	Quentin Tarantino	153 min
<i>Defamation</i>	Difamação	2009	Israel	Yoav Shamir	92 min

Compartilhamos a ideia de Vanoye e Goliot-Lété (2011) no sentido de que a análise fílmica é resultado de uma demanda, de que ela é realizada a partir dos objetivos de um estudo/pesquisa. Sendo assim, os filmes foram assistidos repetidas vezes, de modo que o olhar analítico fosse possível. Nas observações foram destacados elementos como: temática geral, modo de abordagem, narrativa, elementos recorrentes, representações de judeus, nazistas, campos de concentração, entre outros. Traços gerais sobre os filmes vão sendo descritos no eixo que segue, obtido a partir de uma “leitura flutuante”, mais livre para este primeiro momento da investigação (pesquisa exploratória), além de dados sobre os contextos de produção e de articulações com conceitos trabalhados na pesquisa teórica.

### **Noite e Neblina**

Produzido a partir do pedido do Comitê Histórico da Segunda Guerra Mundial<sup>6</sup>. Monólogo poético, escrito pelo poeta judeu Jean Cayrol<sup>7</sup>, que fora prisioneiro em um campo de concentração, e escreveu um livro<sup>8</sup> em 1945, relatando suas experiências durante o período em que foi prisioneiro.

Extremamente denunciador, com imagens muito fortes e chocantes, o filme foi produzido logo após o fim da Segunda Guerra Mundial com o objetivo de trazer à tona todas as barbáries que eram cometidas nos campos de concentração. As imagens de arquivo estão todas em preto e branco e contrastam com as imagens coloridas que foram registradas durante a produção do filme, dez anos após o fim da Segunda Guerra Mundial.

<sup>6</sup> *Comité d'histoire de la Seconde Guerre mondiale*. Instituto francês fundado em 1951, com o intuito de preservar a memória dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, que aconteceu entre os anos de 1939 e 1945.

<sup>7</sup> Poeta judeu, nascido na França em 1911.

<sup>8</sup> *Poèmes de la nuit et du brouillard*. Livro que inspirou o título do filme Noite e Neblina.



“Ao final da guerra, quando as imagens das câmaras de gás foram reveladas ao mundo, imediatamente se começou a perguntar como isto foi possível e a resposta logo foi deslocada da história”. (COGGIOLA, 1995, p. 209)

É um filme rico em imagens e nos traz muitos dados e informações sobre a realidade dos campos de concentração nazistas. Sem pudores ou censuras, Resnais nos convida a refletir sobre o que acontecia por detrás dos arames farpados que isolavam os judeus do resto da sociedade. Em 30 minutos de filme, retrata o horror e sordidez, que até hoje afetam a nossa sociedade e marcam a nossa memória.

Mostra o ambiente em que muitos judeus viveram e onde grande parte foi exterminada. Vagões de trens lotados de pessoas sendo levadas aos campos de concentração nazistas, mas destas, nem todas chegarão vivas. A fome, o frio, a sede e a loucura são aparentes em todas as imagens do documentário. Soldados alemães carregando corpos esqueléticos em direção a valas, que muitas vezes já estavam abarrotadas de corpos, estão em muitas cenas. Retratando o pensamento opressor e com base em preconceitos étnicos, são mostradas as câmaras de gás, as ferramentas de tortura, e como consciência as humilhações e o terror. À que os judeus eram expostos.

Estas cenas parecem impor uma necessidade imediata de explicar para evitar que fatos e imagens fiquem em suspenso revelando cruelmente a barbárie; estas imagens desafiam nossa capacidade de entender a história e a política como um espaço em que a destruição e o genocídio transformaram-se em políticas de estado. (COGGIOLA, 1995, p. 207)

No período em que ficavam mantidos dentro dos campos, entre a chegada e a morte, todos os deportados estavam em situação física semelhante, não possuíam mais identidade. Seus cabelos são raspados e a sua pele é tatuada com seu "número de série". Todos recebem as mesmas vestimentas, também numeradas. E ao mesmo tempo, inúmeros livros-registro são preenchidos com nomes, documentos de identificação. Apenas um traço vermelho sobre os nomes indica os mortos. Destes mortos, sobram pilhas de cabelos, calçados e corpos.

Quando os fornos não eram suficientes, levantavam-se fogueiras. Os novos fornos conseguiam, não obstante, absorver milhares de corpos por dia.

Tudo se recupera...

Estas eram as reservas dos nazistas em guerra, seus celeiros; dos cabelos de mulher... a quinze pfennigs<sup>9</sup> o quilo... Faziam-se tecidos.

Com os ossos... Adubos. Pelo menos se tentava. Com os corpos... É difícil dizê-lo... Com os corpos, queriam fabricar sabão.

Jean Cayrol

---

<sup>9</sup> Moeda alemã, que existiu entre o século IX e a introdução do euro na Alemanha, no ano de 2002.



### **A Lista de Schindler**

Baseado no romance *Schindler's Ark*<sup>10</sup> e dirigido por Steven Spielberg<sup>11</sup>, considerado um dos mais influentes cineastas da história do cinema. De descendência judia, Spielberg sofria preconceito e era alvo de brincadeiras antissemitas, muitas delas cometidas pelos próprios vizinhos.<sup>12</sup>

A Lista de Schindler foi para Spielberg um projeto de alto valor pessoal, e que rendeu ao diretor a sua primeira estatueta do Oscar. O filme é considerado ícone da indústria cultural ocidental, abordando o tema do Holocausto. Uniu um tema de ampla aceitação, se tratando de produtos midiáticos, com uma produção com proporções hollywoodianas. Foi sucesso de bilheteria e de premiações. O filme recebeu sete estatuetas do Oscar no ano de 1993, incluindo prêmios na categoria “Melhor Filme” e “Melhor Direção”.

Para Huyssen (2000), é sabido que a mídia não transporta a memória pública de forma inocente, ela é condicionada em sua própria estrutura e forma.

[...] mesmo se o Holocausto tem sido mercadorizado interminavelmente, isso não significa que toda e qualquer mercadorização inevitavelmente banalize-o como evento histórico. Não há nenhum espaço puro fora da cultura da mercadoria, por mais que possamos desejar tal espaço. (HUYSSSEN, 2000, p. 21)

Quando comparado com outras produções, vemos que não traz tantas informações, dados e comprovações sobre a Segunda Guerra Mundial ou sobre o Holocausto, mas que causa uma comoção geral. É um filme com apelo emocional muito forte. Retrata esse momento da história da humanidade a partir de extremos, ou grandes atos de salvação e de bondades ou grandes e graves atos de crueldade e assassinatos.

O fato é que Spielberg captou – de forma abundante – espectadores, lucros e mercados, para além da instauração quase ditatorial de uma determinada memória e “história” daquelas vítimas (naturalmente, a sua). Spielberg supostamente deu ao público aquilo que ele quis (como gostam de dizer os defensores da indústria cultural) ou mais provavelmente o que seria capaz de suportar, em se tratando de um tema espinhoso como o Holocausto judeu. (KURTZ, 2010)

Spielberg traz questões cruciais da cultura contemporânea que estão localizadas no limiar entre memória dramática e mídia comercial. “O trauma é comercializado tanto

---

<sup>10</sup> Escrito por Thomas Keneally.

<sup>11</sup> Cineasta norte americano de descendência judia. Um dos mais influentes cineastas da história do cinema.

<sup>12</sup> Steven Spielberg Biography



quanto o divertimento e nem mesmo para diferentes consumidores de memórias.” (HUYSSSEN, 2000, p. 22).

Quase todo em preto e branco, conta durante 195 minutos a história de Oskar Schindler, um empresário alemão que deseja se beneficiar da Segunda Guerra Mundial. Fazendo acordos com oficiais nazistas, ele compra uma fábrica de painéis na Cracóvia, para depois revender os produtos ao exército. Recebe apoio de Itzhak Stern, um contador judeu que ajuda Schindler a gerenciar a fábrica. Para trabalhar na fábrica, ele contrata poloneses judeus, que são mão de obra barata.

Os judeus eram mantidos dentro de guetos, reunidos antes de serem levados aos campos de concentração. E são alguns desses judeus que Stern contrata para trabalhar na fábrica, pois dessa forma eles são permitidos a sair do gueto. Assim, conseguem manter-se em parcial segurança e afastados dos atentos olhos dos comandantes nazistas. (KURTZ, 2010).

O filme foi gravado na Cracóvia, e quase todas as suas instalações e cenários são reais. Mas esse não é um filme com o objetivo de mostrar as barbáries cometidas com os judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Spielberg, depois de ler o livro que deu origem ao filme, foi atraído pela paradoxalidade da situação em que o personagem central do filme se encontrava. Ele era um nazista que estava salvando judeus. (KURTZ, 2010).

### **A Queda – As Últimas Horas de Hitler**

Uma produção alemã, dirigida por Oliver Hirschbiegel<sup>13</sup> no ano de 2004. Baseado em livros escritos por Joachim Fest<sup>14</sup>, um historiador alemão e também a partir de relatos de Traudl Junge, secretária pessoal de Adolf Hitler. Retrata os últimos dez dias da vida do líder nazista, Adolf Hitler e também a situação em que a Alemanha estava durante esse período final da Segunda Guerra Mundial.

A Alemanha teve uma grande participação durante toda a guerra, e nesse filme produzido por alemães, é mostrado da Segunda Guerra Mundial o que convém ao país, e o que a nação achou que deveria ser mostrado e defendido. Sendo o cinema uma mídia que abrange um grande público, não só nacional, como mundial, é uma ótima forma de disseminar ideias e posicionamentos em relação a fatos diversos, pois muitas pessoas

---

<sup>13</sup> Nascido em 1957 é um diretor de cinema alemão.

<sup>14</sup> Nascido em 1926, foi um historiador e escritor alemão; tornou-se mundialmente conhecido pela sua biografia de Adolf Hitler lançada em 1973.



veem o cinema apenas como forma de lazer e de entretenimento, e não de conhecimento de fatos históricos e dados comprovados.

Temos, assim, de um lado imagens que bloqueiam nossa compreensão de evento Segunda Guerra Mundial, ao insistir na ideia da doença moral ou loucura coletiva ou mesmo de um gênio diabólico responsável por tudo. Estas imagens nos impedem de compreender o nazismo como uma ideologia que tinha efetivo apelo e que chegou a mobilizar parte importante de uma sociedade de Estado moderno para cometer um extermínio em massa, de forma rotineira e sistemática.” (COGGIOLA, 1995, p. 218)

“Os nazistas se viam, portanto, como agentes biológicos que intervinham em um processo histórico-natural para abreviar um fim que se imporia pela lógica da história, que daria vitória aos arianos.” (COGGIOLA, 1995, p. 217).

O filme não traz cenas do Holocausto em si, mostrando campos de concentração e os judeus mantidos presos, como a grande maioria dos outros filmes trazem. O foco está em mostrar o que aconteceu a todos os cidadãos alemães, tanto soldados, quanto civis. Hirschbiegel nos traz cenas que mostram que os civis alemães também passaram por dificuldades, muitos morreram de fome, de sede e de frio. A tortura psicológica feita com os soldados fazia com que muitos deles não agentassem a pressão de estar em um campo de batalha, ou em situação de combate, e se suicidassem. Muitos alemães não eram complacentes com os ideais que guiavam o regime nazista, e eram contra a postura de Hitler em relação aos judeus, e também com a própria população da Alemanha.

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. (POLLAK, p. 6)

Muito dinheiro do governo alemão foi gasto com a guerra, deixando todas as outras responsabilidades do governo em segundo plano. Durante uma passagem do filme, quando informam Hitler sobre a situação dramática pela qual o país está passando, ele fala o seguinte: “Em uma guerra como está não existem civis”.

“A sociedade nazista aboliu os conceitos de certo e errado, de bem e de mal, no seu sentido mais primário, mais elementar, aboliu a ideia de que matar inocentes era crime. Ela instituiu um extermínio burocrático [...]” (COGGIOLA, 1995. P. 213).

Em outra passagem do filme, Hitler diz o seguinte: “Bom, se a guerra está perdida, é irrelevante se o povo também perece. Não é necessário levar em consideração as necessidades primitivas de sobrevivência do povo alemão, muito pelo contrário, é



bem melhor que nós mesmos destruamos essas coisas.”. Mostra que Hitler, no final da guerra estava cego, não conseguia ver as consequências que a insistência na guerra estava causando ao seu próprio povo. Tudo isso, em busca de poder e de soberania.

O anti-semitismo como ideologia e, depois, o extermínio dos judeus, eram elementos absolutamente centrais na configuração ideológica e na construção do Estado nazista. O genocídio dos judeus chegou a ser considerado prioridade diante das necessidades militares durante a guerra e das necessidades de mão-de-obra forçada. (COGGIOLA, 1995, p. 216)

### **Bastardos Inglórios**

Coprodução norte americana e alemã, dirigida por Quentin Tarantino e lançada no ano de 2009. Divido em cinco capítulos, conta a história de dois planos para assassinar líderes políticos da Alemanha Nazista, um deles planejado por uma jovem francesa, e o outro por um grupo de soldados judeus americanos.

Os filmes abordando a temática do Holocausto, na maioria das vezes, retratam os nazistas como donos de personalidades cruéis e os judeus como o povo que somente sofreu durante a guerra. Dessa forma é muito mais fácil “digerir” os filmes e as histórias que são contadas neles. Os filmes como produtos comercializáveis, que tem que agradar ao público e serem facilmente entendidos. “O real pode ser mitologizado tanto quanto o mítico pode engendrar fortes efeitos da realidade. Em suma, a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta. (HUYSSSEN, 2000, p. 16).

O mal pode ser representado em uma narrativa cinematográfica de várias formas, tanto de forma mais explícita e facilmente entendida como também de uma forma mais subjetiva. Geralmente em filmes sobre o Holocausto, os soldados nazistas, e até mesmo Hitler, são retratados como os “maus” de uma forma muito explícita. O público está acostumado a ver o Holocausto dessa forma, os judeus como as pessoas “boas”, que sofrem como consequência das ideologias dos “maus”. E de certa forma o Holocausto foi isso, um massacre horrível, com consequências muito sérias, e que acarretou na dizimação de um povo, foi um genocídio sem escrúpulos, pensado pela mente doentia de algumas pessoas que estavam no poder.

E Tarantino, como diretor e roteirista do filme, rompeu com a esquematização frequentemente seguida em filmes com a temática do Holocausto, retratando os judeus não mais somente como passivos à tudo o que acontecia. O tenente Aldo Raine é um exemplo dessa movimentação dos judeus para tentar mudar a situação e mostrar aos nazistas que não deixariam passar despercebido tudo o que acontecia dentro dos campos



de concentração. O tenente tem a tarefa de formar um grupo de oito soldados judeu-americanos para ir até as linhas inimigas e aterrorizar os soldados alemães. Ele, juntamente com os seus soldados se propõe a escalpelar o máximo de soldados nazistas que eles conseguirem.

“Mesmo em sua forma histórica mais séria e legítima, a memória do Holocausto se estrutura de modo bem diferente no país das vítimas e no país dos perpetradores, e também diverso nos países de aliança nazista.” (HUYSSSEN, 2000, p. 80).

### **Difamação**

Filme documentário israelense que aborda os efeitos e as consequências que o Holocausto teve para os judeus de Israel. Um jornalista israelense, Yoav Shamir<sup>15</sup> arriscou-se a ser massacrado profissionalmente em seu próprio país, para desmascarar a indústria do medo e também mostrar que a tolerância e a paz são possíveis.

Yoav Shamir teve a ideia de produzir esse filme, após ver tantas vezes, em noticiários e jornais as expressões: Holocausto, Nazismo e Antissemitismo<sup>16</sup> sendo exploradas e gerando mídias.

O próprio uso da palavra holocausto indica a dificuldade de aproximação do tema. Holocausto aparece na Bíblia com um sentido bastante preciso, de imolação, de sacrifício em nome de algo superior. O uso do termo holocausto para falar do genocídio de judeus indica uma recusa em lidar com o genocídio com um fenômeno histórico, como se fosse preciso remeter a explicação última a outra esfera e dar-lhe um sentido religioso, uma espécie de grande sacrifício em nome de algo superior. (COGGIOLA, 1995, p. 208)

Shamir apresenta ao mundo a chamada “indústria do antissemitismo”, que hoje em dia é uma das maiores fontes de riqueza das comunidades judaicas. Eles usam o antissemitismo como forma de “vitimização”, e alguém do próprio país mostrar essa realidade, é uma atitude de extrema coragem.

Segundo Huyssen (2000), em Israel o ponto central para a fundação do estado foi o Holocausto e a vitimização do povo judeu. Isso é utilizado como ponto de partida e autoafirmação da resistência de um povo, para a sua história nacional.

A Segunda Guerra Mundial aconteceu há mais de meio século, e desde que foi liberto, o povo judeu não enfrentou perigos reais com as proporções do Holocausto. Para se manterem como povo que ainda sofre com todos esses acontecimentos, é preciso reciclar o sentimento das pessoas em relação ao judeus. O mesmo sentimento

---

<sup>15</sup> Documentarista israelense, conhecido pelos filmes Checkpoint e Difamação.

<sup>16</sup> Preconceito com o povo judeu.



que foi formado depois de tantas produções cinematográficas que mostravam a vitimização. E esse sentimento é reciclado utilizando-se de mecanismos emocionais.

A ficção hebraica sobre o holocausto não se dirigiu à documentação. Ela se absteve a lembranças e testemunhos. É literatura memorialista e não documentária. [...] é difícil a distinção entre o material ficcional-literário e o material referente aos relatos de memória e autobiográficos. Às vezes, essa distinção é impossível. Quase todos os escritores têm uma relação direta com os eventos que descrevem.” (COGGIOLA, 1995, p. 226).

No documentário foram registrados casos de muitos judeus que se utilizam do sofrimento de seus antepassados, que é um sofrimento legítimo, em busca de benefícios próprios individuais ou a um determinado grupo.

Há mais um problema que a explicação do Holocausto pelo anti-semitismo não está pronta para enfrentar. O anti-semitismo – religioso ou econômico, cultural ou racial, virulento ou brando – tem sido há milênios um fenômeno quase ecumênico. E mesmo assim o Holocausto foi um acontecimento sem precedentes. Em praticamente cada um dos seus aspectos ele é único e não permite comparação com outros massacres, não importa quão sangrentos, praticados contra grupos previamente classificados como estranhos, hostis ou perigosos. Claramente, por ser permanente e onipresente, o anti-semitismo não pode ser responsabilizado pela singularidade do Holocausto. (BAUMAN, 1998, p. 52).

Para o documentário, jovens de uma escola local são entrevistados por Shamir e proferem as seguintes frases: “Nunca perdoar, nunca esquecer” e “Sabemos desde cedo que somos odiados”. Os nascidos nessa realidade, em que os judeus estão em posição de vitimização, crescem com esse pensamento e o reproduzem a medida em que crescem.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, p. 6)

E essa posição é de certa forma confortável aos judeus, pois com isso, vêm desfrutando de privilégios. O que dificulta o senso crítico por parte dos próprios descendentes de quem vive nessa realidade.

### **Considerações Finais**

A proposta deste estudo foi iniciar uma reflexão e analisar cinco filmes que abordassem a temática do Holocausto, com as questões iniciais: De que forma essas produções cinematográficas podem colaborar para a construção de uma memória coletiva? Quais são as principais semelhanças encontradas entre os filmes que abordam o Holocausto? Como os povos, judeu e alemão, são retratados nos filmes? Quais são



diferenças nas narrativas entre os filmes que foram lançados logo após o Holocausto e os filmes lançados recentemente?

Como indivíduos e sociedades, necessitamos das memórias do passado para ancorar a construção de nossa identidade e como consequência, o tempo todo consumindo produtos midiáticos.

[...] quando nos aproximamos do mundo daquela época, o nazismo e a Segunda Guerra Mundial deixam de ser eventos tão remotos e inatingíveis para tornarem-se uma possibilidade permanente, da mesma forma que o extermínio e o genocídio de populações inteiras.” (COGGIOLA, 1995, p. 218)

É claro, não há como evitarmos o retorno aos aspectos negativos do que alguns chamariam de epidemia de memória, ou seja, esse excesso de memórias midiáticas abordando temas há muito tempo ocorridos. “O futuro não nos julgará pelo esquecimento e sim pela rememoração ampla de tudo, e ainda por não agirmos de acordo com essas memórias.” (HUYSSSEN, 2000, p. 86).

Mas é importante destacarmos que os recortes, os enfoques são dinâmicos, sendo assim, outros olhares ainda podem ser promovidos pela mídia com referência a Segunda Guerra e ao Holocausto “[...] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento” (POLLAK, p. 6).

Se tratando de cinema, as possibilidades são inúmeras, isso acaba gerando filmes que possuem como pano de fundo o mesmo evento histórico, mas que o tratam das mais variadas formas. Dependendo do período no tempo e do espaço geográfico, cada filme produzido terá uma “cara” e se posicionará de determinada forma, defendendo os pontos de vista que convém.

Por fim, sabemos que estas perguntas ainda estão sendo respondidas e que a lista de filmes e demais obras audiovisuais que retratam a segunda guerra são inúmeras. Destacamos o caráter exploratório deste trabalho, que poderá ser posteriormente desenvolvido em uma pesquisa sistemática que aborde um corpus mais amplo e uma análise mais aprofundada.

## Referências

ANDREW, J. Dudley. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.



- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 35. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros Passos)
- COGGIOLA, Osvaldo. (Org.). **Segunda Guerra Mundial: Um Balanço Histórico**. São Paulo: Xamã 1995.
- COUTINHO, Eduardo Granja; FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel (Org.). **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- KURTZ, Adriana Schyver. **Cultura de Consumo e Representação em “A Lista de Schindler”** (Ou como embalar um produto de sucesso sobre a memória do Holocausto). Disponível em: <[http://razonypalabra.org.mx/N/N73/Varia73/38Schryver\\_V73.pdf](http://razonypalabra.org.mx/N/N73/Varia73/38Schryver_V73.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2013.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**.
- ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica**. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

### **Filmografia**

- A LISTA DE SCHINDLER. Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg; Gerald R. Molen; Branko Lustig. Roteiro: Steven Zaillian. Estados Unidos: Universal Pictures. 1993. 195 min.
- A QUEDA – AS ÚLTIMAS HORAS DE HITLER. Direção: Oliver Hirschbiegel. Produção: Bernd Eichinger. Roteiro: Bernd Eichinger; Joachim Fest; Traudl Junge; Melissa Müller. Alemanha: Constantin Films. 2004. 155 min.
- BASTARDOS INGLÓRIOS. Direção: Quentin Tarantino. Produção: Lawrence Bender. Roteiro: Quentin Tarantino. Estados Unidos / Alemanha: Universal Pictures. 2009. 153 min.
- DIFAMAÇÃO. Direção: Yoav Shamir. Produção: Sandra Izkoff; Karoline Leth; Philippa Kowarsky; Knut Ogris. Roteiro: Yoav Shamir. Israel: First Run Features. 2009. 91 min.
- NOITE E NEBLINA. Direção: Alan Resnais. Roteiro: Jean Cayrol. Produção: Anatole Dauman. França: Argos Films. 1955. 32 min.